

O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem lêr e quizerem recebê-lo na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas; ficando a arbitrio a importancia, que não excederá de 2,5000 reis por trimestre ou serie de 6 numeros.

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno I.

Theresina 14 de Março de 1869.

Numero 16

O AMIGO DO POVO.

Theresina 13 de Março de 1869.

Quando lê-se a historia dos bons tempos de Roma, —a virtuosa ou a republicana; quando Cinéas achou que a cidade eterna se parecia com um templo e o seu senado com uma assembléa de reis (·); não pôde-se deixar de sentir verdadeira sympathia e inesgotavel enthusiasmo—pelos Fabricios, Curios e outros varões illustres, de nunca desmentida probidade, como bem aquelles incorruptiveis embaixadôres que havendo, no Egypto, recebido ricos presentes de Ptolomeo Philadelpho, ao voltarem á patria—forão espontaneamente deposital-os no thesouro publico, visto que não puderam escusar-se de os receber.

Felizmente, para esta pobre humanidade, muitas vezes tão vilipendiada; ou para honra das gerações modernas, por via de regra, tão degeneradas;—da face da terra não desaparecerão ainda no todo os homens probos, embora aqui e alli raramente avistados, como *oasis* no meio da consciencia universal, destes seculos sequiosos de ganancia, como o é de orvalho a aréa do deserto!

Por exemplo, a historia contemporanea pode, com justo orgulho, citar como modelo de probidade ao respeitavel Martin Van Buren, presidente dos Estados Unidos no quadriennio de 1837 a 1840, o qual teve occasião de recusar aceitar os presentes de *cavalllos* e de armas ricamente aparelhadas que lhe enviára expressamente o sultão de Mascate; respondendo-lhe que pela constituição do seu paiz—era-lhe prohibido receber presentes de principes estrangeiros.

.....
O que vemos porem, neste desventurado Brasil e nos calamitosos dias que atravessamos?

Vemos, por exemplo, o Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto, chefe de policia da provincia do Piahy, achar que é muito natural que um magistrado receba, sem a menor cerimonia, valiosos presentes de anafados cavalllos de sella—de qualquer caricato sultão de Mascate!

O republicano Van Buren não se esquecia da constituição de seu paiz, diante dos ricos presentes;

(·) O ministro e favorito de Pyrrho, rei do Epiro, fazia dos taes coroados muito lisongeira idea. Na sua ingenuidade, suppunha elle que fazia ao senado romano o mais pomposo elogio!

o monarchista Peixoto, tem porem o desembaraço de não fazer mysterio das *sympathias* que lhe provém da immaculada toga, dos arminhos candidos!

E' verdade que falla-se algures que S. S. pretende, parodiando os embaixadores romanos que tratarão com Ptolomeu Philadelpho,—enviar para o deposito das cavalladas do Paraguay—um formoso rucinante destinado a ter o mesmo glorioso fim que o afamado bucephalo que acabou seus preciosos dias na ponte do celebrado Itosoró.

Com isso lucrará pelo menos o animal de que fallou a « Imprensa » numero 183; pois bem pode ser que tenha um dia a fortuna inaudita de ser cantado por algum Homero d'este baixo imperio timandrico-petroniano, e então, n'um canto especial, sob numero 63 ou 66, poderá ser exaltada a integridade d'aquelle que por suas virtudes contribuiu para—a fama e gloria de um cavallo que bem pôde ter sido nomeado consul se aprouvesse a Caligula.....

Divagação mythologica.

O Jupiter brasileiro transformou-se:

Em *touro* (enfarruscado como o Leitão da Cunha) para roubar a Liberdade, filha do consternado povo!

Em *chuva de ouro* (tão copiosa ou prodiga como o barão de São Lourenço) para seduzir á NOBRESA fatua e *camaragibica*!

Em *cysne* (de pennas australianas como a ingenuidade do Diogo Velho ou do Dr. G. de Castro) para surprehender á Soberania nacional, mal casada com o povo!

Em *nympha* (desembaraçada como o Esculapio Simplicio, que não é lá nem uma *vestal*) para enganar ao CLERO que não sabe quem foi Samuel e que chega a fazer como o vigario de Pedro Segundo que excommunga aos que não se deixão illudir por sua vez!

Em *aguia*, finalmente, (tão altaneira como o insolente Itaúna) para arrebatrar ao Ganymedes do Itosoró, que, remoçando alli, favoreado pelos seus aduladores, mostrou-se digno de ser escolhido para copeiro do rei, quando, depois do saque da *Assumpção*,—tiver de ser offerecido nectar ao famoso tonante que passa lá no Olympo vida folgada e milagrosa!

Porque é que o rei é poderoso.

1.º

Porque a Hypocrisia, em nome da Religião, por um contracto simoniaco, tacitamente concluido entre ambos,—encarregon-se de considerar aquelle como *sagrado*; a troco de pingues prebendas. A este acto heroi-comico devêra chamar-se—permuta do incenso e do ouro!

2.º

Porque a Traição, em nome do Brio militar, por um mutuo acordo, lesivo aos direitos de terceiro,—conveio em guardar o costado d'aquelle *mestre da bisca*, a troco de durindanas, galões, litas, & &.

3.º

Porque os senhores cortezãos e em geral todos os pelotiqueiros da nossa sociedade—constituirão-n'ò seu chefe commum, para q' servisse de espantallo aos pobres de espirito que recusassem por ventura acreditar em suas patranhas, — verdadeira mina de prata, productiva como o antigo e famigerado Potosi!

COMMUNICADO.**Apanhamento de um velho livro,
no seu capitulo 15.º**

O NOVO SECULO.

Apenas acabou de pronunciar estas palavras, sublevou-se do lado do occidente um ruido immenso, e desejoso de conhecer a sua origem, adverti ao longe na extremidade do Mediterraneo, nos dominios de uma das maiores nações da Europa um movimento espontaneo e prodigioso; comparavel ao que se suscita no seio de uma vasta cidade, quando rompe uma violenta sedição de todas as partes, e se abala um povo numeroso, espalhando-se nas ruas e praças publicas, como em ondas. Tocado pelos gritos que ferião as nuvens, escutei por intervallos estas phrases:

Que novo prodigio é este?

Que mysterioso e cruel flagello! Somos uma nação populosa e faltão-nos braços! Possuimos um sólo excellente, e carecemos de viveres! Somos activos, laboriosos, e vivemos na indigencia! Pagamos enormes tributos, e diz-se-nos que não bastão! Estamos em paz interiormente, e nossas pessôas e bens não se achão em segurança no interior! Qual é pois o occulto inimigo q' nos devora?—Vozes partidas do seio da multidão, responderão: « Alçai um estandarte, distinctivo em torno do qual se ajuntem todos aquelles que por ateis fadigas mantêm e nu-

trem a sociedade, e então designareis o inimigo que vos roe a substancia. »

Levantado o estandarte se contemplou esta nação dividida repentinamente em dois corpos desiguales, e de aspecto bem diverso, e incapaz de soffrer contraste: um, innumeravel e quasi total, offerencia na pobreza geral de seus vestidos, na magreza e palidez de suas faces e no ar abatido que respirava, a miseria e o trabalho: o outro, pequeno grupo, fraccão insensivel, exhibia, na riqueza dos adornos, agaloados, e guarnecidos de ouro e prata, e na boa disposição dos semblantes, os sysmptomas da abastança e commodidade.

Considererei com maior attenção estes homens, e conheci que o grande corpo era composto de artistas, agricultores, e gente dada á pesca; de todas as profissões laboriosas, estudiosas, e uteis á sociedade, e que no pequeno grupo somente se encontravão ministros do culto de todo o grau, financeiros, usurarios, bufões de palacio, officiaes de fazenda e fisco real, grandes dignatarios, chefes militares de superior patente, e outros assalariados do governo.

Estes dois corpos em presença um do outro se olhárão por algum tempo com espanto; até que vi nascer, de um lado, a colera e a indignação,—do outro, um movimento d'horror. O grande disse ao pequeno corpo:

« Por que vos separasteis de nós? Não sois deste numero? »—Não (replicou o grupo das sanguessugas): somos um corpo distincto, uma classe privilegiada, que temos direitos, usos, e leis á parte.

O povo:—E de que trabalho viveis em a nossa sociedade?

Os privilegiados: De nenhum: nós não fomos creados para trabalhar.

O povo:—Como adquiristeis pois tantas riquezas?

Os privilegiados:—Tomando o cuidado de vos governar.

O povo:—Como! nós trabalhamos e nos fatigamos, e vós gozaes; nós produzimos e vós dissipaes; as riquezas vem de nós, e vós as absorveis!

E é a isso que chamais governar!... Classe privilegiada, corpo distincto que nos sois estranho, formai nação a parte, e vedes se podeis subsistir: governai-vos, que nós agradecemos esse encargo que generosamente quereis tomar, e delle vos dispensamos.

(Continuar-se-ha.)

Transcrições.

SAN LUIZ 13 DE SETEMBRO DE 1863.

Um artista fidedigno afirmou-nos que os conservadores desta capital declaravão que em quanto o seu partido estivesse no poder os artistas nada serião; que um artista é nada na sociedade &.

Isso não nos admira porque sabemos que os antigos defeitos custio-se a perder, e que o partido conservador sendo o da nobresa, da aristocracia, hade sempre repellir o povo, a classe que honestamente quer viver do seu trabalho. Para os nobres é indecoroso applicar-se a qualquer trabalho, e principal-

mente ao manual, porque a *nobresa* ou tem o que herdou de pais, seguramente plebeus, porque trabalharão, ou que mal adquirirão a fortuna que legarão aos seus; ou, se os *nobres* não tiveram herança, ahí está o paiz para lhes fazer um patrimonio, ahí está o povo que *nasceu* para trabalhar para elles.

Antigamente a aristocracia nem aprendia a ler e escrever, assignava o nome por chancellia; e isso porque achava indecoroso o trabalhar para saber, e o assentar-se a uma meza para assignar o proprio nome; mas a democracia precisava esforçar-se, não tinha por seu o paiz; trabalhou e proclamou a egualdade perante a lei e o respeito á liberdade que está de accordo com a lei natural.

Hoje, como sempre, o partido que se presume aristocrata quer esmagar o povo, e reputa-se muito acima do homem que exerce qualquer profissão manual.

Mas, por ventura o que mantém o Estado, o que produz os melhoramentos materiaes, que accarretão o moral e o intellectual, não é a industria, e a industria não progride a medida que prosperão as artes, que o artista representa um papel na sociedade? Por ventura o paiz prospera quando se opprime e desfeita uma classe por menor que seja, ou quando cada um tem o desejo de apparecer pelo seu merito, e procura tel-o para representar um papel mais ou menos elevado?

Por ventura Franklin não foi um artista? aprendiz n'uma fabrica de velas de sebo, e depois typographo? Por ventura os Estados-Unidos se degradarão quando elevarão-o ás primeiras posições da republica? Por ventura a sabia França se desprezou quando poz luto por tres dias por esse artista? Por ventura tantos homens do povo que tem chegado a generaes, papas, ministros e monarchas, serão dignos de desprezo? Certo q' não.

Merecem desprezo aquelles que desmoralisão o paiz, que corrompem e falseão tudo; que longe de promoverem o bem publico dizem desprezar o trabalho, opprimem o povo & &; mas será sempre digno de louvor aquelle que se esforça por tornar-se saliente como homem de merito, cidadão util á sua patria.

Seja artista, industrial, commerciante, magistrado, advogado, medico ou simples homem da plebe, é sempre digno de amor aquelle que se dedica ao seu paiz, que se esforça por engrandecel-o.

Por ventura não será da maior conveniencia que comece-mos a puxar pelas artes, que se mostre o apreço que merecem esses obreiros do progresso nacional, que se os convide a querer ter ingerência nos negocios publicos, que tambem são delles? Vendo-se mais considerados do que tem sido até aqui, os artistas não irão adquirindo elevação de character, não procurarão instruir-se para tornar-se dignos da sociedade illustrada? Por ventura as mãos que pelo trabalho procurão o sustento a uma familia honrada, não podem estar ligadas a uma cabeça capaz de promover ou auxiliar a promoção do bem publico? Porque a exclusão? Pela nossa forma de governo pode occupar qualquer cargo popular aquelle que o povo eger, e a eleição de um artista para o cargo de vereador ou juiz de paz, não seria um estímulo para que outros se quizessem tornar dignos da confiança de seus concidadãos?

Dizem que não se desprezão as artes, que despreza-se a ignorancia dos artistas. Pois bem, qual é o nosso dever, qual o meio de acabar com essa ignorancia? Desprezar os artistas? Não; é dar-lhes instrucção, mostrar-lhes que são cidadãos, não só para pagar impostos de dinheiro, quando estabelecidos; de sangue quando guardas nacionaes ou recrutados,—como dando-lhes uma posição social.

Quando os artistas forem mais considerados, quando não os tratarem com desprezo; os que existem se esforçarão, como já se vão esforçando, principalmente desde que appareceu este jornal, por tornar-se dignos da estima dos homens serios e instruidos e esses que hoje fogem das artes, que procurão só os empregos publicos começarão a trazer o seu contingente para o augmento da riqueza publica pelo trabalho, mesmo o manual.

Desprezão os artistas, e admirão-se que as artes não prosperem, que haja tanto sujeito a procurar empregos publicos! Honrem as artes e verão que os administradores serao menos consumidos por empenhos para os empregos publicos, e que se augmentará o numero dos artistas no Brasil. Honrem as artes, e teremos muitos artistas instruidos no Imperio, e os trabalhos profissionais serão melhor executados; começarão a apparecer invenções e melhoramentos de todo o genero; ir-se-ha acabando a fiducia, muitos quizerão ser artistas porque reconhecerão que esse genero de vida é honroso e lucrativo, quando chega-se a poder ser perfeito para merecer auxilio e tornar-se dono de uma officina. Honrem as artes, que dellas depende toda a prosperidade do nosso paiz. Sem artes não se faz a guerra, sem artes não se encontra bem estar no meio da paz, sem artes não se desenvolve a riqueza publica.

Como o governo eleva uma familia ou um grupo n'uma localidade? Dá-lhe consideração e posição. Isso os politicos sabem perfeitamente.

Pois bem, não despresemos os artistas, procuremos fazel-os occupar um papel mais elevado na sociedade, que esse é um meio de desenvolver as artes; o estímulo lhes dará desenvolvimento de idéas, e qualquer que seja a boa leitura que fizerem, o seu desenvolvimento intellectual será util á sua propria arte. O homem de intelligencia desenvolvida torna-se muito mais apto para qualquer mister do que aquelle que a tem acanhada.

A falta de instrucção dos artistas é que os fez ir com este ou aquelle e dizer em politica:—eu sou deste ou d'aquelle individuo.—Dahi o se desprestigiarem e os conservadores os considerarão como caceteiros de eleições e nada mais. O Artista occupando-se de clarear as idéas dessa classe e do publico em geral, não tem podido agrada aquelles que desejão ver os artistas na ignorancia e na oppressão; por isso é que já uma vez a nossa folha teve de morrer; mas não desistiremos do intento, diremos sempre aos nossos leitores, e principalmente aos artistas:—não sigão homens, por serem quem são; sigão as idéas que os homens representarem; procurem instruir-se; leião, leião, leião, e algum dia hão de lhes fazer justiça.

Perdoem a fraqueza do proximo, despresem as injurias dos senhores do paiz; esforcem-se por merecer, e sigamos.

(Do Artista do Maranhão.)

Fructos da guerra.

Terrivel necessidade esta que tem as nações de armarem-se! Um dos nossos amigos nos faz uma pintura horrivel do estado da campanha missioneira; e não obstante, saiba o Sr. presidente, que ainda lá se recrutava gente!

Ouçã S. Exc. o seguinte facto:—a india Encarnação, anciã de cento e tantos annos, mora em S. Lourenço, termo da villa de S. Borja.

Esta velhinha tinha uma filha casada, e cinco netos homens. A familia era summamente unida, e o trabalho dava-lhes abastança e conchego.

Chegou a invasão paraguaya, e o pai e quatro rapazes foram patrioticamente pegar em armas com o coronel Fernandes.

Erão cinco bravos!

O pai cahiu em Butuhy ao pé de Tristão Nobrega, no meio das bayonetas inimigas.

Tres dos moços succumbiram nas contra-escarpas de Curupaity.

O quinto morreu nos hospitaes de Curuzú, do cholera!

A velha Encarnação e sua filha ficaram só com o ultimo dos cinco filhos d'esta, e esse mesmo por que padece de epilepsia, e não servia para o mister das armas.

Não obstante, Sr. presidente, esse mesmo acaba de ser recrutado!

As duas anciãs ficaram abandonadas, e ás ultimas datas a pobresinha macrobia arrastava o seu seculo de porta em porta solicitando a liberdade de seu ultimo amparo.

Sabemos que o Sr. presidente mandou suspender todas as reuniões de forças; mas ainda assim pedimos-lhe com a maior instancia que as reitere, para a comarca de Missões ao menos.

A humanidade e a lei exigem-o, exige-o ainda a moralidade publica quando se arvora em Missões uma influencia nova, querendo *organisar* partido á sombra da autoridade militar e do commando confiado ao honrado, porém singelo coronel Fernandes.

Missões tem sido muito desgraçada. Raro de seus filhos tem voltado do exercito, e esses invalidos, mutilados pelo ferro e o fogo do inimigo.

Dos outros as noticias não podem ser mais calamitosas: talvez *noze decimos* tem morrido ora nos campos da batalha, ora no horrendo desespero das enfermarias.

Quasi não ha familia que não haja perdido dous ou tres membros no exercito; e muita viuva, muito septuagenario vive hoje em completo desamparo e na mais barbara indigencia, chorando a falta de dous e mais filhos mortos no Paraguay!

As pensões do governo, está claro que não são para estes: quem ha de solicitar-lhe'as?

Quem ha de dar os mil e um passos que a menor d'essas migalhas reclama?

Seus filhos foram heróes no campo: elles morrem como heróes tambem na sua miseria.

Daremos um exemplo.

Era em março, perto de S. Nicolão umas tres leguas.

Ahi em um pobre rancho, perdido e só no meio da campina, morava uma infeliz mulher com uma porção de filhos.

Os maiores eram duas meninas de 12 a 14 annos.

Tudo ahi respirava coragem, resignação e miseria; mas os braços da pobre mãe não eram sufficientes para supprir a falta do chefe da familia.

Este era guarda nacional: estava no Paraguay.

Ia dar a liberdade ao estrangeiro e vingar a patria, emquanto a mulher e os filhos padeciam as angustias da fome.

Uma noite cahiu um temporal desfeito; o rancho oscila, geme: ha muito que não é reparado.

A pobre mãe corre arrastando os filhinhos menores, chama os mais velhos, ampara aquelles no meio da macega por baixo de alguns couros, corre destes áquelles, não sabe a quem acuda, mas com perigo de vida verifica que não está mais nenhum dentro da choupana, e procura salvar alguma cousa para seu abrigo.

Mal sahira a infeliz, abate-se a cabana, e um duplo grito rasga-lhe as entranhas!

As duas mocinhas tinham-se abrigado á revessa do rancho contra a ventania e a chuva que cortavam; e o rancho ao cahir tinha-as esmagado.

« Mãe! mãe!... acode que me afogo! »—gritavam as vozes abafadas no meio da escuridão e ventania; e a pobre mãe se desesperava, e punha as mãos em sangue, e rasgava o peito, arcando com as derruidas paredes para levantá-las.

Quem lhês havia de acudir n'aquelle descampado?

Seu marido ia libertar o estrangeiro desaffrontando a patria, em quanto os poderes do estado aninhavam em volta de si os filhotinhos, para os fazer agora deputados.

N'essa labutação a encontrou a aurora: as vozes cada vez são mais desmaiadas; mas o seu coração ainda ouvia aquelle—mãe! mãe! como no primeiro instante.

Atira-se como uma louca através do matagal enxarcado; nada a estaca, banhados, matos ou lagoas,—é mãe, e vai buscar soccorro para desenterrar suas filhas, que morrem soterradas: nem se lembrava dos outros pequeninos que ficam atirados no meio da campina ao amparo de um couro!

Ao meio-dia tinham vindo a galope com ella alguns visinhos; porém, ai misera! que ao levantar as ruinas de seu pobre tugurio achou em vez das duas mocinhas, dous cadaveres hirtos e desfigurados!

Ah!... Compreende-se que as necessidades da guerra chegassem jamais a semelhante estremo?

Que leis divinas ou humanas poderão autorisar o recrutamento de um pai de familia, unico amparo de uma fragil mulher e de uns poucos de filhos?

Que mais poderiam fazer, se o inimigo talasse os nossos campos, e houvéssemos de repellir uma invasão triumphante?

E falla-se do Paraguay!

E se admiram de que o partido liberal peça, voz em grita, reformas, e queira acabar com tal estado de cousas!

E não reparam que esse estado é a negação de toda liberdade, a negação de todo o direito, e a consequencia precisa, indispensavel da centralisação que nos esmaga!

(Do Correio do Sul.)

PARTE NOTICIOSA.

Cosmorama — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo, inhônimo! Aqui está Jacob que serviu a inhô chefe de policia lá nos Picos: elle vai levar este mimo de inhô Peixoto a inhô velho marquez de Caxias.



—Espera lá, negro.... Eu quero aproveitar a tua ida para levares os diplomas ao Aureliano, e ao Salles: do meu, eu mesmo, serei o conductor!

Fome e miseria.—Lê-se na « Imprensa » de 10 do corrente:—A população pobre e disvalida da cidade de Oeiras, e das villas de Jaicóz, Valença e Picos está ameaçada de morrer á fome, por falta absoluta de farinha, arroz, milho e feijão, e escassez de carne no mercado publico!

Já tem havido, nos ultimos dias, chuvas bastantes, porém não produzem ellas ainda remedio á falta de taes generos.

A pobreza não tem meios para mandar buscar em lugares longinquos os mantimentos que não são encontrados nos lugares onde reside.

Acreditamos que do governo podem e devem mesmo partir medidas salvadoras em ordem a soccorrer a pobreza.

Animamo-nos a fazer essa lembrança actualmente por que é de suppor que algumas das victimas sejam tambem devotas de El-Rei nosso senhor!

E' assim!—Quando um homem do povo exerce uma profissão baixa, escarnecem d'elle; quando chega ao fastigio da grandeza querem comparar-se-lhe!

Se *Grant* fosse ainda hoje o director da sua fabrica de cor-tumes — os *fidalgos* não quererião que os comparassem com elle; hoje entretanto, quando adquiriu a justa reputação de militar de 1.^a ordem e que se acha na presidencia dos Estados-Unidos,—um antigo cortidor de Galena já serve para ser comparado com o *nobre* marquez de Caxias, por qualquer adu-lador de mio gosto!

Lembrança estúpida na verdade! E' até uma *impiedade* comparar o famoso marquez com o *obscuro* general Grant—que nada tem de commum com o *primeiro cabo de guerra da America*, com o casto noivo de Pallas.

A cidadella, ou o quartel —N'aquelle famoso estabelecimento *mineraogico*, aonde a *alchimia* estava tão apurada que os *grilos* erão convertidos em ouro de 22 quilates,—houve afinal uma especie de terremoto.

Sob os destroços ficou enterrado *per omnia secula seculorum* o pobre do velho Zuzá, que figurou alli como Pilatos no Credo, e que, topeira como é, nem enchergava os grilos que entravão para o cadinho dos espertos fundidores do preciso metal.

Em lugar do *commandante mumia*, foi nomeado para a cidadella—um gentil musulmano; irmão de Suza Mendoza, o famoso pachá deste desgraçado eyalet que se chama Piauhy.

Suza Mendoza não gostou que *sem sua ordem* houvesse aquelle terremoto lá pelo quartel dos seus fieis *javizaros*, e dizem que franzio o sobr'olho quando alguém, cuidando que fazia bem, lembrou que fosse reconstruido o edificio por um habil architecto Grego, de modo que viesse a parecer-se a olra com uma formosa *acropolis*!

« O dito, por não dito, Sr. pachá de massaroca! diga de que modo quer que se faça os concertos: delineie—que tudo se fará como for de sua vontade: acho bom porem que os *contusos* sejam tratados, por ora, fóra das ruinas do edificio, que, depois de reconstruido *gentilmente*, como for de seu agrado, poderá funcionar de nove—com os mesmos engenheiros.»

—Assim seja!

E o echo retumbou medonho pelas fossas nasaes no nari-gão enorme....—Ass—sim—se—ja!!!!!!

« *Dominus tecum!* Disse o Sr. Mart-Yni-Hanno.

Dialogo, entre um grego e um turco:

—Demetrio (o Grego): O *mono* mais feliz que eu conheço é o vosso sultão, sabio ulema Bixalar!

—Bixalar (o Turco): Vos...sê en...tão chama *mono* ao Grão Senhor?

—Demetrio: E que novidade é essa; se eu sou Grego e o vosso imperador é *unico* no governo do estado que elle dirige como lhe apraz!

—Bixalar: Ma...is res...peito a Mah...hmoud II, que não sei... que não sei qui se...ja *mono*.

—Demetrio: E', pois não!

—Bixalar: Não di...ga...tal!

—Demetrio: *mono*, na minha lingua, quer dizer—um só—é synonymo de individuo: vossê mesino é um *mono*, por exemplo.

—Bixalar: *ora tibes* (!) que nun...ca vi...isto no al...al-corão!

—Demetrio: E esse classico *ora tibes* existe por ventura no famoso livro que vos serve de codigo civil e religioso?

Attenção.—Chamamos a dos nossos leitores para as transcripções que fazemos neste numero: são artigos notaveis pelo elevado dos assumptos e pela belleza da linguagem.

Que não haja um homem do povo que saiba ler e a cujas mãos chegue este numero do nosso periodico—que negligencie a sua leitura: é um são alimento para o espirito, e um balsamo suave para o coração do democrata, considerando que, ao menos, é aqui vigorosamente defendido,—alem sinceramente pranteado—por escriptores publicos q' são a gloria da imprensa do paiz.

Igualmente chamamos a attenção para o communicado que nos foi enviado por um incognito, a quem agradecemos a valiosa offerta.

Theresina.—Impresso na Typ. da IMPRENSA, rua Barroso n.